

**CEDI****Povos Indígenas no Brasil**Fonte: O EstadoClass.: 1263Data: 08.09.84

Pg.: \_\_\_\_\_

**Denúncia: índios vivem na miséria**

190  
A antropóloga Neusa Bloemer da UFSC que integra a comissão mista que está levantando o problema do conflito de terra entre índios Caingangues e colonos de Sede Trentin, no Oeste, chamou a atenção ontem para a situação de miséria em que estão vivendo os cem índios que constituem aquela comunidade. Ela disse que tem-se salientado muito a situação dos colonos, mas que o problema da "miséria do índio" não tem sido mostrado da forma devida. Depois da tribo dos Pataxós, o maior problema indígena é dos Caingangues no Oeste, diz.

Segundo a antropóloga, os Caingangues estão vivendo "da caridade dos órgãos públicos, porque impedidos de plantar até na faixa de terra que é considerada sua". E o fato, explica Neusa Bloemer, poderá se agravar ainda mais se o problema não tiver uma solução a curto prazo, pois o calendário agrícola do Oeste vence em 15 de setembro e, enquanto os colonos estão plantando normalmente, os índios aguardam a solução."

A disputa pelos dois mil hectares de terras do Toldo do Chimbangue teve seu primeiro passo burocrático em 15 de junho de 82, quando os índios deram entrada na Quarta Delegacia da Funai, em Curitiba,

de um documento pedindo providências para a recuperação da área que, de 1948 a 1973 foi vendida para agricultores, empurrando os índios para dentro do Vale do Irani.

Como resposta a esta iniciativa, explica Neusa Bloemer, em julho de 84 a Funai criou um grupo de trabalho formado pelo Ministério do Interior e Ministério para Assuntos Fundiários e de um grupo de professores da UFSC e Conselho de Segurança Nacional. Esse grupo, informa a antropóloga, criou expectativa entre os índios, que, desde a perda da posse dos últimos hectares, trabalham em sistema de parceria com os colonos, arrendando as terras que cultivam e pagando com parte do que colhem. Entretanto, com o agravamento da questão da subsistência daqueles que vivem da agricultura, os colonos não admitem mais a presença dos índios na região, chegando a impedi-los de colher o milho que haviam plantado. Aí, o conflito acirrou-se, diz a professora, e a solução "está com os políticos e autoridades que estão levantando o problema e buscando equacionar soluções." Porém a descrença também caminha paralelamente, segundo Neusa, porque o índio não vota e os colonos sabem disso, no que passam a gozar de maior poder de influência regional.

**Colonos cedem terras para Caingangues**

Chapecó — Numa reunião a portas fechadas, realizada no Gabinete do Secretário do Oeste na tarde de quarta-feira, ficou decidido que os colonos cederão provisoriamente 122 hectares de terras aos remanescentes Caingangues até que a situação seja resolvida definitivamente em Brasília.

O impasse vem se arrastando a vários meses e os agricultores mostravam-se intransigentes com a proposta feita pela Funai em ceder parte da terra, menos de 7%, mesmo que em caráter provisório, para que os índios tivessem sua permanência garantida. Finalmente, na reunião de quarta-feira, que segundo o delegado da Funai João Darci Ruggeri, seria o último encontro com os colonos e que se a resposta fosse negativa, a Funai tomaria outras provi-

dências, ou seja, invocaria dispositivos constitucionais para garantir a posse da terra aos índios. Como não foi necessária uma medida mais drástica, Ruggeri considera uma boa negociação, pois assim volta a reinar a paz em sede Trentin, concluiu.

Segundo o delegado, a questão do Toldo Chimbangue poderá ser resolvida no máximo em 120 dias, tendo em vista a preocupação do "grupão" (que é constituído por vários ministérios) e que vai julgar o processo. Esta notícia, prosseguiu Ruggeri, veio de encontro ao anseio dos agricultores e da própria Funai que estão ansiosos por uma definição dos agricultores. Estiveram presentes o representante do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Acaresc, Incra, Prefeitura Municipal de Secretaria dos Negócios do Oeste.